

JORNALISMO LITERÁRIO: TRANSGRESSÕES DISCURSIVAS E INAUGURAÇÃO DE NOVOS SABERES

Isabella Baltazar (UFES)

RESUMO

O presente trabalho propõe a problematização de uma experiência narrativa da contemporaneidade que proporciona ao leitor um produto jornalístico com tratamentos literários, chamado, portanto, de Jornalismo Literário. Esse intento dar-se-á a partir de um apanhado histórico da estética, levando em conta as especificidades narrativas e discursivas analisadas por meio de dispositivos teóricos. O objetivo principal é encontrar uma compreensão dessa vertente que apresenta um fluxo contínuo de duas vias discursivas distintas, a jornalística e a literária. Os objetivos específicos implicam fomentar um aprimoramento de ideias a respeito do tema, fornecer instrumentos úteis para a compreensão dessa poderosa fusão de dois meios de influência intelectual, que articulam a natureza de discursos distintos culminando em um suposto hibridismo do Jornalismo Literário. A interdiscursividade é uma realidade factual no discurso do Jornalismo em geral e, particularmente, do Literário, uma vez que há o encontro de duas formações discursivas com contratos de enunciação e recepção distintos. Observa-se uma relação harmônica entre tessituras discursivas na formação discursiva do Jornalismo Literário. A partir dos mecanismos teóricos, sobretudo na teoria de autores como Edvaldo Pereira Lima, Felipe Pena e Nilson Lage, a elaboração desse discurso deve ser encarada não só como aspecto estético dotado de inverdades e apenas fantasia, mas sim como mecanismos enunciativos e discursivos capazes de acrescentar aos discursos que já têm, por si, só, natureza aberta dialógica e polifônica. A ficção enquanto conceito proporciona, em certo sentido, as possibilidades de realidade enquanto base discursiva (mesmo que abstrata e simbólica), a mesma essencial realidade em que se constitui o discurso jornalístico. O Jornalismo Literário e seu instigante formato permitem sobreposições enunciativas, discursivas, admitem contextos de ordem divergentes, propõem rompimentos de tradições e abrem-se para transgressões discursivas cujos efeitos futuros poderemos apenas vislumbrar.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. New Journalism. Redação noticiosa. Reportagem.

O Jornalismo Literário em perspectiva expansiva

I

Pretende-se, aqui, acrescentar à percepção do que é o Jornalismo Literário, proporcionar o aprimoramento de ideias a respeito do tema, fornecendo objetos úteis para a compreensão dessa poderosa fusão de dois meios de influência intelectual. Suas características peculiares que articulam a natureza de discursos distintos culminam em um suposto hibridismo do Jornalismo Literário. Ao mesmo tempo, a finalidade é chegar à conclusão que a redação jornalística literária tem como resultado um discurso interdisciplinar e com riqueza estética.

II

A interdiscursividade é uma realidade factual no discurso do Jornalismo em geral e, particularmente, do Literário, uma vez que há o encontro de duas formações discursivas com contratos de enunciação e recepção distintos. Observa-se uma relação harmônica entre tessituras discursivas na formação discursiva do Jornalismo Literário. Insta ressaltar que os mecanismos de compleição desse discurso não remetem a engodos ou jogo de palavras num floreio de caráter apenas estético. Há, incutido no discurso do Jornalismo Literário, diálogos que estão no plano de muitas outras instâncias (paradigmáticas e paradoxais, por exemplo) que são essenciais para a sua formação.

Pierre Bourdieu explica que o texto literário se compõe a partir de métodos que “coincidem com a definição vigente na representação objetiva do mundo, ou melhor, como o sistema de normas sociais de percepção insensivelmente inculcadas através do convívio prolongado com representações produzidas segundo as mesmas normas” (BOURDIEU, 2007, p. 292). A ficção enquanto conceito proporciona, em certo sentido, as possibilidades de realidade enquanto base discursiva (mesmo que abstrata e simbólica), a mesma essencial realidade em que se constitui o discurso jornalístico: “Por mais que o jornalismo desfralde a bandeira da reprodução da realidade, o seu funcionamento discursivo permanece no campo dos índices de um imaginário transcultural, em que a narrativa fascinantes do destino é tão ou mais forte do que as pressões realistas da história” (SODRÉ, 2009, p. 230).

Perseguindo a evolução dos discursos literário e jornalísticos, localiza-se este estudo no campo historiográfico, que reconhece as circunstâncias e os contextos para a análise e consideração sobre os fenômenos de linguagem aqui relacionados.

A rotina da produção jornalística diária é, costumeiramente, acelerada. O curto tempo entre a apuração e a produção da notícia já dita a movimentação e o ritmo dentro

de uma redação. Mas, diante do modelo corriqueiro do fazer jornalístico – onde, aparentemente, há uma subestimação da capacidade de entendimento do leitor, evidenciado pelo formato do *lead* –, até onde existe a certeza de que a veracidade, a credibilidade e a eficácia da informação cabem apenas ao texto objetivo?

As notícias são o resultado de um processo de construção, definido como a percepção, seleção, e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação desde recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade (*newsworthiness*) (WOLFE, 2005, p. 94).

Uma vez que o enunciado jornalístico atende a demandas que inúmeros âmbitos (social, empresarial, histórico, outros), os critérios de noticiabilidade, bem como o valor-notícia, balizam a produção editorial e articulam mecanismos que dão conta de ordenar a rotina jornalística. O Jornalismo Literário, por outro lado, é contemporaneamente influenciado pelo *New Journalism* – cujo conceito pretendo aprofundar a partir de Tom Wolfe e Edvaldo Pereira Lima –, e dispensa os preceitos do Jornalismo “objetivo”, absorvendo da literatura técnicas para uma criação mais contextualizada e livre. A partir dessa premissa, observamos esses elementos sendo incorporados como uma ferramenta fundamental de concepção e disseminação da estética *em contextos massivos de produção midiática*.

III

O jornalismo impresso e a literatura aproximam-se – e se afastam, em um movimento quase que de retroalimentação –, em especial, na época em que a imprensa se configura mais moderna e industrial, o que acontece a partir da segunda metade do século XIX (LIMA, 2004). A Literatura e a Imprensa se misturam até o início do século XX. Os jornais abrem espaço para a estética literária, passando a produzir seus folhetins e publicar suplementos literários. Lima (2004) aponta as técnicas sofisticadas da narrativa do Jornalismo Literário:

- o sumário ou exposição, que consiste numa síntese de uma ação secundária. Desse modo, passa-se rapidamente por ela e ao mesmo tempo, traz-se contexto à ação principal;
- a cena presentificada da ação, que consiste no relato detalhado do acontecimento à medida que se desenvolve, desdobrando-o, como numa projeção cinematográfica, para o leitor. Presentificar significa apresentar a vida em desenvolvimento para o leitor, não necessariamente empregando o tempo verbal no presente. Mas este tempo é favorito dos jornalistas literários americanos, porque concede um certo toque poético à narrativa;

- ponto de vista – isto é, a perspectiva sob a qual o leitor verá o acontecimento – pode ser o do repórter, o do protagonista dos acontecimentos ou o de uma terceira pessoa. A narrativa pode também se dar em primeira pessoa;
- a metáfora e as figuras de retórica são aceitas quando se necessita explicar um tópico complexo;
- as citações diretas são usadas moderadamente;
- as fontes são identificadas claramente, a verificação dos dados tem de ser criteriosa e a documentação deve ser sólida (LIMA, 2004, p. 131).

Felipe Pena define sete principais características da abordagem literária do jornalismo. Uma “estrela de sete pontas”, cuja a primeira ponta “é potencializar os recursos do jornalismo [...] apuração vigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, (2008a, p. 13). A segunda ponta é o “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Em outras palavras quer dizer que o jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade” (2008a, p. 14). Em seguida, a terceira ponta corresponde a “proporcionar uma visão ampla da realidade [...], contextualizar a informação da forma mais abrangente possível” (2008a, p. 14). A quarta ponta sugere que é preciso exercitar a cidadania. Para o autor, a quinta ponta assinala que “o jornalismo literário rompe com as correntes do lide” (2008a, p. 13). Em sexto, é preciso evitar os definidores primários, isto é, criar alternativas de fontes que não sejam as oficiais, permitindo a circulação de representações não formalizadas institucionalmente. Por último, está a ponta que indica a perenidade: “Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial” (PENA, 2008a, p. 15).

Essas características evidenciam, entre outras coisas, que o Jornalismo Literário não pode ser considerado menos verdadeiro do que o jornalismo “objetivo”. Indo além, pode, de fato, representar a realidade mais complexa e precisamente do que as formas tradicionais de redação noticiosa. Olinto (2008) remonta o passado para comentar sobre a produção da notícia através da história:

Homero é o primeiro repórter de que temos notícia. As descrições dos combates de Aquiles e de Heitor, das atitudes indecisas de Páris, têm força de acontecimentos sempre presentes. Quando Homero fala nas entranhas que saltam, após o golpe de espada do inimigo, e caem, presas nas mãos do homem atingido, cria uma cena em que imagens parecem vistas, sentidas, com mais veemência do que se a tivéssemos diante dos olhos [...] (OLINTO, 2008, p. 29).

Quando o Jornalismo e a Literatura se encontram: o Jornalismo como gênero literário

Proença Filho (2001) afirma que só existe Literatura (essa que utiliza uma língua como suporte) onde existe um povo e o desenvolvimento de uma cultura. Para ele, a Literatura é um meio de comunicação especial que possui uma linguagem peculiar. O texto literário, por sua vez, pode ser considerado um objeto linguístico na mesma medida em que é estético e ideológico. A liberdade para criação é uma característica marcante no discurso literário. O autor afirma que não existe gramática normativa para interferir no texto literário, e estabelece que, diferentemente da linguagem comum, o discurso literário envolve dimensões universais, individuais, sociais e histórias.

O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele emoções profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais (PROENÇA, 2001, p.7-8).

O autor segue explicando que narração pode ser compreendida como uma sucessão de fatos em uma sequência ordenada. Ele também comenta que a narrativa é a “designação genérica atribuída aos textos em que se caracteriza uma sequência de acontecimentos, ou uma história” (PROENÇA, 2001, p. 52). Sobre a narrativa literária, para Benjamin (1985), a fonte dos narradores é a experiência passada de um indivíduo para o outro, o que define seu senso prático em uma característica natural. Para o autor, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, na qual não há a intenção de conduzir a narração como acontece em um relatório.

Mas, será possível considerar o jornalismo uma manifestação literária? Alceu Amoroso Lima explica que, na medida em que o jornalismo utilizar a palavra superficialmente, estará longe de ser considerada Literatura. Para ele, o jornalismo só é Literatura quando exerce a expressão verbal “com ênfase nos meios de expressão” (LIMA, 1969, p. 23). Lima (1969) configura o Jornalismo como gênero literário devido às características como a atualidade, a objetividade, o realismo, a precisão, a concisão, a clareza e a cultura. O autor, porém, faz ressalvas quando leva para o centro da discussão as questões que estão ligadas à estilística.

Amoroso Lima aponta que o gênero se pontua na pluralidade de esquemas que vão relacionar estéticas peculiares e amplas que desembocarão em uma expressão. Ele acrescenta que essas expressões se dão por meio das palavras – elementos que se

apresentam com próprio e diferenciado se comparado às outras artes. O autor considera Literatura toda expressão que sua forma de manifestação seja a palavra e seu esmero estético se encontra na foco que lhe é conferido.

O Jornalismo é igualmente um gênero que se constitui pela palavra. As construções noticiosas se baseiam em um mecanismo próprio que se imbricam em um jogo de manejos de palavras, porém, nem por isso, deve ser considerado um texto literário. Sua intenção primordial é a representação de uma realidade cujo alicerce seja a verdade – um mundo factual e não imaginário.

Da notícia à reportagem

Para falar sobre o texto e suas peculiaridades, Coimbra (1993) cita Elisa Guimarães (1990), que diz que a estrutura “só passa a existir [...], quando o contexto das interferências externas a ele se completa com o de sua estrutura formal e do seu conteúdo temático” (GUIMARÃES *apud* COIMBRA, 1993, p. 8). Com isso, a autora quer dizer que o texto somente é identificável quando representado por normas do sistema linguístico, influenciando o comportamento do receptor e nele produzindo algum efeito.

Nilson Lage (2005) define a notícia como um “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 1993, p. 16). Ele ainda fez que a “sua natureza é pragmática, ou seja, relacionada às condições de comunicação e à intenção de torná-la eficaz” (LAGE, 2005, p. 73). Para o autor, diferentemente de uma narração rotineira, que segue uma ordem cronológica de acontecimentos, na notícia jornalística segue-se uma ordem de grau de importância. É a partir dessa estrutura que foi concebido o *lead*, que na “síntese acadêmica de Laswell, informa quem, o que, quando, onde, como, por que e pra quê” (LAGE, 1993, p. 27).

A notícia se desenvolve em um contexto no qual o texto obriga uma aproximação dos usos orais, baseando-se no relato oral dos fatos, valorizando a informação mais importante do evento. “Descobriu-se a importância dos títulos, que são como anúncios do texto, e dos furos, ou notícias em primeira mão” (LAGE, 2002, p. 15). O modelo vigente na América do Norte difundiu-se ao redor do mundo, sobretudo por conta da industrialização. Para o autor, até mesmo os críticos aceitaram bem as “normas básicas” para a produção de notícias norte-americanas.

Na medida em que a reportagem se configurava uma evolução da notícia, ela passou a empregar características que outrora eram dispensáveis. Tomava, então, contornos literários, capaz de seduzir o leitor e elevar seu nível de satisfação. A reportagem buscava a captação de diversas opiniões e angulações.

As matérias que saem desse investimento consciente de informações não têm a linearidade de uma pirâmide invertida, a direção única de uma cronologia, nem se satisfazem com a partição e blocos. O ritmo narrativo apela, então para planos de tempo e de espaço inter-relacionados, fundidos e habilmente opostos (MEDINA, 1978, p. 122).

O Jornalismo e a ficção se utilizam da descrição e da narrativa. Olinto (2008) aponta que

As duas condições, que cercam o homem e tudo o que ele faz, se interpenetram e formam, às vezes uma só condição. E, tanto na vida real, nos gestos de cada instante, com no que escreve, o ser humano está dentro das limitações do tempo e do espaço, que são sua angustia e sua grandeza (OLINTO, 2008, p. 39).

Adaptando-se ao novo modelo de fazer notícia, isto é, fazendo reportagem, “o redator não tem a à disposição recursos prontos, mas passa a criar. Nesse momento, só se diferencia do escritor de ficção pelo conteúdo informativo de sua narração, por isso narração noticiosa” (MEDINA, 1978, p. 122). A reportagem trazia consigo um formato que permitia certa interação com o público, à medida que introduzia em seus textos técnicas narrativas e linguagens utilizadas na Literatura, alterando, portanto, o modo de produção da notícia. A relação da reportagem com o leitor evidenciava a necessidade, então, do conteúdo com histórias com as quais o leitor pudesse se identificar. Para Cremilda Medina (1978), a diferença entre a notícia e a grande reportagem está no processo de narração dos modelos. A autora acredita que o tratamento do fato jornalístico pela reportagem amplia e desdobra uma simples notícia, fazendo com que o conteúdo informativo seja abordado de forma estilística.

Lage (2002) lembra que, na reportagem, há a autonomia do jornalista no processo de elaboração da matéria. Ele destaca, ainda que na reportagem há a disponibilização do maior número de dados, diferenciando-se da notícia que, segundo o autor, “pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária” (LAGE, 2002, p. 112-113). Sobre a reportagem, Milman (1998) é categórico:

A reportagem é uma modalidade jornalística deprimida nas redações de hoje. Pelo menos, na sua forma mais elaborada. Sem a compreensão adequada das condições metodológicas que a tornam possível, a idéia de jornalismo inteligente que ela realiza dá lugar a uma realidade na qual se reproduz um jornalismo indigente. Por essa

razão, para quem se interessa, ou faz, ou, sobretudo, pretende fazer jornalismo, discernir entre a metodologia sofisticada da reportagem e a metodologia esquemática do noticiário é talvez saber fazer a mais relevante das distinções (MILMAN, 1998, p. 29).

Medina (1978) diferencia a notícia da reportagem abordando a interpretação que a primeira faz da segunda:

As linhas de tempo e de espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação dos fatos que situam ou explicam o fato nuclear, através da pesquisa histórica ou antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato – a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato (MEDINA, 1978, p. 134).

Lima (2004) lembra que notícia e reportagem pertencem a dois gêneros jornalísticos distintos, sendo o primeiro o “jornalismo informativo” e o segundo o “jornalismo interpretativo”. Uma vez que a reportagem utiliza a narrativa em seu texto, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) a classificam como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11). Os autores acrescentam que “será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem, ou não será reportagem” (p. 11).

Lage (2005) propõe quatro importantes distinções entre notícia e informação jornalística (que inclui a reportagem):

- a notícia de um fato, acontecimento que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação que o tornam relevante: corresponde, frequentemente, à disfunção de algum sistema – a queda do avião, a quebra da normalidade institucional etc., já a informação trata de um assunto, determinado ou não por fato gerador de interesse;
- a notícia independe, em regra, das intenções dos jornalistas; a informação decorre de intenção, de uma “visão jornalística” dos fatos;
- a notícia e a informação jornalística contêm, em geral, graus diferentes de profundidade no trato de assunto. A notícia é mais breve, sumária, pouco durável, presa à emergência do evento que a gerou. A informação é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre universos e dados;
- a notícia típica é da emergência de um fato novo, de sua descoberta ou revelação; a informação típica dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento (LAGE, 2002, p. 114).

A reportagem, portanto, leva até o leitor mais esclarecimentos e angulações sobre um mesmo fato o que a notícia, corriqueiramente, trataria com a objetividade que lhe é comum.

A referência do *New Journalism* norte-americano

De acordo com os estudos de Lima (2004), os norte-americanos utilizam o termo “Jornalismo Literário” para designar a narrativa que emprega recursos literários. Isso se dá pelo fato de que, para apreender a atenção do leitor, a narrativa de profundidade recorre às técnicas de escrita literária. Nos anos 1960, nos EUA, o contexto era de mudança, e os modelos do “sucesso” e do “sonho americano” cediam lugar à exposição de experimentação, sobretudo, daquelas que anteriormente era abafadas. A realidade social era o foco. Segundo Lima (2004), é nesse contexto que se vão evidenciando os precursores do *New Journalism*, que estavam inseridos na realidade de mudança de cenário.

Monotonia e falta de aprofundamento eram queixas recorrentes dos leitores dos jornais diários. A Literatura mostrou-se um recurso viável, mesmo que tenha sido encontrado quase que intuitivamente. “Os jornalistas sentiam-se então inclinados a se inspirar na arte literária para encontrar os seus próprios caminhos de narrar o real” (LIMA, 2004, p. 174).

Tom Wolfe, estudioso e um dos precursores do *New Journalism*, encontrou no romance o motivo evidente da prática da “Literatura de realidade”. Os romancistas do realismo social – linha literária europeia¹ do século XIX, que segundo Lima (2004) seria o responsável por impulsionar o Jornalismo Literário – realizavam, na visão de Wolfe, um verdadeiro trabalho de captação do real, como se fossem repórteres do seu tempo. “Os romancistas aceitavam rotineiramente a desconfortável tarefa de fazer reportagem, ‘cavando’ a realidade simplesmente para reproduzi-la direto. Isso era parte do processo de escrever romances” (WOLFE *apud* LIMA, 2004, p. 181).

O romancista do realismo social Ernest Hemingway (1899-1961) foi um dos escritores que utilizou a estilística do Jornalismo. Ele buscou no Jornalismo o aperfeiçoamento dos processos de captação e lapidação de sua técnica de expressão. Na condição de jornalista literário, Hemingway escreveu não-ficção como escopo amplo de um escritor de ficção e com um arsenal de artifícios literários comprovados (LIMA,

¹ Da qual podemos destacar nomes como os de Charles Dickens, Balzac e Mark Twain.

2004). O autor ressalta que, em questões de preferência, até mesmo de importância, o Jornalismo Literário acabava por ser taxado como “primo pobre” da Literatura. Citando Hemingway como exemplo:

Mesmo que, hipoteticamente, desejasse se dedicar integralmente ao jornalismo, é possível que não encontraria nesse campo condições para se perpetuar tanto quando conseguia na literatura. Contextualmente, no bojo dessa preferência residia o fato de o jornalismo permanecer como espaço marginal da atividade moderna da escrita (LIMA, 2004, p. 191.).

O Novo Jornalismo alcançaria um *status* literário próprio em 1969. Lima (2004) afirma que já não se podia mais negar a qualidade literária da produção dessa corrente, e por isso, o gênero não poderia ser considerado inferior novamente.

Os redatores de revista, assim como os primeiros romancistas, aprenderam por tentativa e erro algo que os estudos acadêmicos demonstram: que o diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro instrumento [...] também situa e define o personagem mais rápida e efetivamente do que qualquer outro recurso [...] (WOLFE, *apud* LIMA, 2004, p. 198).

Os pioneiros do *New Journalism*, aos poucos, foram ganhando espaço, à medida que, mergulhados na realidade norte-americana, sabiam retratar de maneira atraente as pulsões contemporâneas. Segundo Lima (2004), o movimento chama atenção dos literatos da época quando se configura o livro-reportagem. Um exemplo de sucesso é Truman Capote e seu *best-seller* *A Sangue Frio*, classificado como “romance de não-ficção”.

Lima comenta a postura do repórter ante os processos de produção de Jornalismo Literário - ressaltando, mais uma vez, o aspecto autoral do gênero -, no caso:

A estruturação do relato em cenas também aperfeiçoava uma qualidade única, específica, do jornalismo. Quando produziam perfis humanos, os novos jornalistas como que se grudavam com seus personagens, qual carrapatos, acompanhando-os, observando-os à exaustão, até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu *status* de vida, suas contradições (LIMA, 2004, p. 206).

Wolfe (1973) ressalta que uma característica da produção jornalística literária é a liberdade de produção, ou seja, os repórteres teriam a autonomia de utilizar e explorar todos os recursos da escrita que lhes conviessem. Por fim, Lima (2004) reitera que o *New Journalism*, dentro de sua intenção de captação e de fidelidade com o real, teve sua mais refinada expressão no livro-reportagem.

Considerações parciais

A intenção é que o trabalho acrescente a um campo que tem exploração em ascensão, proporcionando múltiplas leituras e futuros estudos. Não há, aqui, uma pretensão em abarcar uma totalidade de conceitos e práticas, mas sim avançar, de forma ao mesmo tempo interessada e analítica, nos caminhos que levam o discurso jornalístico literário para o centro de discussões sobre suas formações e sobrevivência como gênero.

O Jornalismo Literário emerge como hibridização dessas duas searas discursivas distintas. Dessa forma, pode ser encarado como uma possibilidade da plurifocalização de discursos que, por maiores que sejam suas divergências, imbricam em uma formação discursiva autônoma e peculiar, mesmo que de dimensão múltipla.

A lógica (se é que existe uma) do Jornalismo Literário compreende as margens móveis entre os dois discursos que, por sua vez, compreendem as margens de criação e da realidade. Os discursos jornalísticos e literários (e também pode-se incluir o histórico) muito podem se beneficiar uns dos mecanismos dos outros. O Jornalismo Literário é considerado, na mesma medida, uma enunciação de potencial transgressor (e, por extensão, transformador) e diferenciado de produção jornalística, quem sabe até sucedendo as tradições as quais a prática jornalística está habituada. As discussões sobre o Jornalismo Literário devem avançar não apenas a partir do levantamento de questões que estejam ligadas apenas as formações de linguagem, mas também deve se encarar seu patrimônio simbólico, seu discurso dotado de autoridade, e seu lugar enquanto força motriz de uma estrutura que apreende história.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. 4. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Edusp, 1969.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Unicamp, 2004.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Jornalismo e literatura: aproximações, recuos e fusões**. In: Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Vol. 13, No 13, 2009.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Petrópolis: Elsevier, 2005.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008b.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

WOLFE, Tom. **The New journalism**. Nova York: Haper & Row, 1973.